

Opinião

Importação Gastos de 300 Milhões USD

O País gasta anualmente cerca de 300 milhões USD para a importação de roupas novas e usadas (fardo), situação que deve ser invertida com a revitalização da indústria têxtil, anunciou o ministro da Indústria e Comércio, Victor Fernandes.

O Hidrogénio na Transição Energética

Nuno Antunes

Sócio da Miranda & Associados

A transição energética expressa-se em vectores de acção distintos, requer ponderações fácticas, económicas e jurídicas específicas, e depende da priorização na decisão política. É, portanto, um conceito de geometria variável, ainda que com linhas mestras inescapáveis, de que se destacam a electrificação da sociedade, a descarbonização, e o expectável declínio a longo prazo no consumo de hidrocarbonetos.

No contexto africano, o debate está centrado em larga medida no papel da indústria petrolífera nos desenvolvimentos sócio-económico, bem como na necessidade de financiamento de uma transição justa e da transferência da adequada tecnologia.

O hidrogénio (“H2”) emerge na transição energética como um tema candente pelo seu contributo potencial na redução global de emissões de CO2, que até 2050 se estima possa ascender aos 10%.

Neste labirinto, a abordagem adoptada por Angola merece os maiores encómos. Ao mesmo tempo que se mantém a aposta na indústria petrolífera como motor da economia (em pesquisa, produção, projectos de gás natural, refinação, petroquímica), dão-se passos concretos no sentido de uma transição energética congruente com o seu contexto (com mix energético de centrais solares, hidroeléctricas e a gás natural, interligações da rede ao Leste e Sul, geração eléctrica renovável descentralizada, redução da intensidade carbónica de operações petrolíferas).

O hidrogénio (“H2”) emerge na transição energética como um tema candente pelo seu contributo potencial na redução global de emissões de CO2, que até 2050 se estima possa ascender aos 10%.

Sendo o elemento mais abundante na natureza, o H2 não existe por regra na forma livre, estando associado a outros átomos ou moléculas. Tem por isso que ser produzido, através de um processo (com perdas energéticas) que envolve diferentes matérias-primas e fontes de energia ou métodos.

O código de cores do H2 (e.g. ‘verde’, ‘azul’, ‘turquesa’, ‘cinzento’, ‘roxo’, ‘amarelo’, ‘castanho’) advém precisamente da diferenciação na produção. Por exemplo, o ‘H2 verde’ resulta de electrólise da água com electricidade renovável (tendo emissões de CO2 mínimas); e o ‘H2 azul’ consiste na reforma a vapor do metano, com captura de CO2 emitido (discutindo-se o real nível de emissões).

O uso do H2 como matéria-prima em processos industriais, ou combustível na produção de energia (electricidade, calor), e enquanto ‘vector energético’ (armazena e transporta energia) – pois não é ‘fonte primária’ de energia (como os combustíveis fósseis ou as energias hidráulica, eólica, solar, ou nuclear) –, permite funções diferenciadas em descarbonização, integração de energia renovável, gestão da rede eléctrica, produção de combustíveis sintéticos, ou uso em cé-

lulas de combustível.

As exigências de descarbonização deram novo vulto ao H2, por este ser altamente energético, limpo, flexível e versátil. Não obstante, os desafios da criação de um mercado e cadeia de valor de H2 não são de menosprezar, entre outros porque envolverão um redireccionamento massivo de capital para investimento em projectos de H2.

Porque ‘a tecnologia lidera e o direito a segue’, os desafios jurídicos serão igualmente ingentes. Novos conceitos e regimes emergirão, em matérias como regulação e licenciamento (de produção, armazenamento e transporte), sistema eléctrico, petróleo e gás natural, protecção ambiental, garantias de origem e certificação (e.g. intensidade carbónica), segurança, incentivos fiscais, financiamentos, estruturação de projectos e parcerias, regimes concursais, contratualização associada a apoios públicos (e.g. contrato diferencial de carbono), acordos de offtaking, emissões de CO2, ou concorrência.

O potencial descarbonizante do H2 no contexto angolano, por via do ‘H2 verde’ – ou, eventualmente, ‘H2 azul’ –, merece avaliação no que concerne a múltiplas actividades, designadamente, refinação, produção de amónia/fertilizantes e metanol, produção de aço, cimenteiras, transportes rodoviários e ferroviários de longo curso, gestão da rede eléctrica ou off-grid, ou produção de electricidade em centrais de turbinas a gás.

Estamos talvez perante uma oportunidade de criação de valor para Angola, que potencia recursos endógenos tangíveis e intangíveis, quer por alavancamento da indústria petrolífera, quer nas energias renováveis, bem como pela assumpção de uma posição de vanguarda na transição energética. Não de somenos significado é a crescente relevância que os financiadores multilaterais parecem estar a dar a projectos deste tipo, como o ilustra a constituição do ‘Infrastructure Climate Resilient Fund’ da ‘Africa Finance Corporation’, que prevê mobilizar US\$2 biliões nos próximos 3 anos. ■

